

RAINHA VICTORIA E A MODA DO SÉCULO XIX

Queen Victoria and 19th century fashion

Santos, Ana Paula Souza; Bacharela; UNISINOS, apss0409@gmail.com¹

Becker, Gisele; Doutora; UNISINOS, gisbecker@unisinis.br²

Resumo: Este trabalho tem como objetivo de estudo o papel da Rainha Victoria na moda e na sociedade do século XIX na Inglaterra. Sua relação e influência na moda da Era Vitoriana derramam-se em grande parte por seu papel na sociedade, principalmente após seu casamento com o Príncipe Albert, construindo a imagem da mulher ideal da classe média, sendo referência inclusive comportamental, para muitas mulheres.

Palavras chave: Moda; Era Vitoriana; Rainha Victoria

Abstract: This paper aims to study the role of Queen Victoria in fashion and society of the 19th century in England. Her relationship and influence in the fashion of the Victorian Era are largely due to her role in society, especially after her marriage to Prince Albert, building the image of the ideal middle-class woman, including being a behavioral reference for many women.

Keywords: Fashion; Victorian era; Queen Victoria.

Introdução

Tendo como plano de fundo o século XIX na Inglaterra, o papel da mulher nesta sociedade e o cenário industrial emergente que contribuiu para a aceleração da indústria da moda, busca-se compreender melhor este cenário abordando as influências da Rainha Victoria da Inglaterra na moda e na sociedade deste período. Levando em consideração a popularidade da monarca, pode-se pensar em possíveis influências da rainha na moda feminina, tais como cores e tingimentos, a permanência do uso do traje de luto até o fim da vida e seu vestido de noiva, além de influências sociais durante seu reinado.

Para tanto, este artigo busca identificar e analisar elementos comportamentais e estéticos da moda presentes no vestuário da Rainha Victoria que possam ter influenciado culturalmente a

¹ Mini currículo do primeiro autor, máximo 3 linhas

² Mini currículo do segundo autor (quando houver), máximo 3 linhas



sociedade vitoriana e a moda do século XIX, assim como sua relação com a moda. Temos como objetivo geral compreender de que forma a Rainha Victoria se relacionava com a moda e de que forma contribuiu para moda e para a sociedade do século XIX.

Para atingir tal objetivo, este trabalho utiliza-se de pesquisa bibliográfica e exploratória.

O Século XIX na Inglaterra

O modo de vida no século XIX alterou-se em comparação aos séculos anteriores, grande parte em função do movimento de saída do campo e a ida para as cidades por boa parte da população, colocando a industrialização como uma total ruptura com o passado, dissolvendo padrões sociais e a moral tradicional. A divisão social conhecida entre clero, nobres e plebeus foi destruída, e a industrialização desenvolveu a classe média (também conhecida como burguesia), constituída de pessoas de origem humilde que se dedicaram ao comércio e outros empreendimentos capitalistas. (PERRY, 1999). A visível distinção entre as classes torna-se menos evidente no final do século XIX. (CRANE, 2006).

O vestuário era uma forma de expressar sua identidade e era visto como uma “pretensão” de ascensão social, pois a pessoa se vestia de acordo com a classe social pretendida. (CRANE, 2006). Ainda neste período, o casamento era visto como grande alvo para as mulheres como forma de garantir a ascensão social. Perry (1999) complementa que muitas mulheres acabavam sendo representadas por seus maridos ou parentes homens e, em alguns momentos, a mulher era julgada de não ter condições de participar de uma vida política. Por isso, o sufrágio feminino, para muitas pessoas e ambos os sexos, significa uma ruptura da tradição. A posição e o papel da mulher no século XIX era muito claro e restrito, independente da idade ou classe social que ocupava.

Freire (2011) coloca que o destino original da mulher era a família e a costura, tendo a figura feminina estereotipada através de um discurso patriarcal e machista, colocando as mulheres em uma posição passiva. “A mulher era vista pela sociedade do século XIX como um ser de inferioridade moral, diante do home, e da falsa instrução que ela recebera da cultura em que está inserida”. (FREIRE, 2011, p. 8).

A Rainha Victoria



Victoria nasceu no Palácio de Kensington em maio de 1819, ocupando o quinto lugar na linha de sucessão ao trono inglês. Poucos meses após a menina completar 18 anos, seu tio, o Rei William IV faleceu, passando o trono para as mãos de Victoria, no dia 20 de junho de 1837. (BAIRD, 2018). Baird (2018) comenta que Victoria era a rainha mais nova que assumira o trono da Grã-Bretanha. “O país estava apaixonado. O Spectator apelidou a febre geral de ‘Regina Mania’”. (BAIRD, 2018, p. 90).

Suas primeiras decisões como governante são tomadas com graça e notável segurança: impressiona seus conselheiros positivamente com sua responsabilidade, confiança e boas maneiras e logo fica evidente sua diferença com os tios, simbolizando renascimento e esperança a seus súditos, retomando a antiga posição de respeito e honra à Grã-Bretanha. (MUHLSTEIN, 1999; SHEARMAN, 1987). Victoria estava muito feliz com seu novo cargo e finalmente sentia-se útil para seu país. (BAIRD, 2018).

A Rainha era muito preocupada com sua imagem e gostava de planejar seus trajes, possuindo, inclusive, um livro onde mantinha amostra de tecidos dos trajes que usava.

Para seu casamento com o Príncipe Albert de Saxe-Coburgo-Gotta em 1840, Victoria escolheu seu vestido de maneira a mostrar seu patriotismo. Era um vestido de cetim de seda branco com uma cauda de seis metros, com tecido vindo dos Spitalfield (centro histórico da indústria de seda de Londres) com rendas feitas por duzentos rendeiros de Devon e Heniton (as fontes divergem), brincos e colar de diamantes turcos, luvas feitas em Londres com pelica inglesa. Na cabeça, uma grinalda com flor de laranjeira, como símbolo de fertilidade. Para finalizar, prendeu no peito um broche de safira que Albert lhe havia dado, e por fim, o molde do seu vestido foi destruído depois, para não ser copiado. (BAIRD, 2018; CAVENDISH, 2015).

Victoria pediu que, além dela, apenas suas damas de honra usassem branco na cerimônia, com vestidos desenhados por ela. Alguns interpretaram o pedido em relação a cor como sinal de pureza virginal, mas na verdade Victoria escolheu a cor branca para ressaltar o delicado rendado do vestido. Durante este período, não era comum noivas usarem branco na cerimônia do casamento, pois era considerada uma cor rara, antes das técnicas de alveamento, e era tido como símbolo de riqueza. A escolha de Victoria acabou popularizando a cor. E assim iniciou-se um dos romances

mais bem-sucedidos da realeza conhecidos pela história moderna. (BAIRD, 2018; SHEARMAN, 1987).

Stevenson (2012) coloca que, com o casamento da Rainha Victoria com o Príncipe Albert de Saxe-Coburgo, firmam-se padrões nos valores da época, valorizando o papel doméstico da mulher no lar e da família. “Quanto à mulher, o que se esperava dela era que agisse como um ser frágil, prudente e fútil, a quintessência da inutilidade”. (FREIRE, 2011, p.7 e 8 Apud Silva, 2006, p. 225). Baird (2018) corrobora com esta afirmação declarando que, Victoria teve um casamento ortodoxo, sendo fotografada várias vezes olhando para o marido com devoção.

Com os assuntos do governo desenvolvendo-se bem, Victoria e Albert aproveitavam todo o tempo livre para ficar com os filhos. O Natal era uma data especial para a família, com as tradições germânicas que Albert havia trazido para a Inglaterra. Decoravam o pinheiro com quinquilharias e velhinhas, colocavam-no na sala de estar do palácio com os presentes ao redor. A população passou a imitar a tradição da família real, adotando como tradição popular este costume originalmente alemão. (SHEARMAN, 1987).

Victoria e Albert eram uns dos diplomatas mais habilidosos da época, criando relações com reis, rainhas, imperadores e imperatrizes, pois o objetivo de Albert era espalhar a linhagem de sangue real britânico pelas cortes da Europa. Vicky foi a primeira dos nove filhos do casal a casar-se, desposando o Príncipe Fritz da Prússia, nos últimos meses da Guerra Franco-Prussiana, sendo um trunfo estratégico para a Grã-Bretanha. (MUHLSTEIN, 1999; BAIRD, 2018). Para o casamento, a Rainha utilizou um vestido na cor malva, apresentando a cor à imprensa. O tecido do vestido foi tingido com corante artificial de anilina, que não se dissolvia com a lavagem ou com a luz do sol. Em breve, a cor malva virou febre na Inglaterra. (COLE, 2015).

Os primeiros meses após a morte de Albert, em dezembro de 1861, foram horríveis para Victoria, que declarou luto geral da corte por dois anos.

Victoria sempre tivera certa atração e desde a década anterior já utilizava a cor preta em homenagem à morte de parentes, mas a partir de agora, ela utilizaria somente trajes pretos pelo resto da vida. Após o período de dois anos de luto, suas filhas e damas de companhia poderiam aderir ao chamado luto leve, com roupas cinzas, brancas e lilás. (BAIRD, 2018).



Baird (2018) declara que Victoria tinha a sua volta homens que, assim como Albert acreditavam em vida, achavam que ela não era capaz de governar sozinha, ao ponto de ela mesma acreditar nesse pensamento. Victoria se reduzira a uma "solitária viúva em prantos" (BAIRD, 2018, p. 293). Passou então a construir o mito, de que era inútil, incapaz e imprestável, ambígua e misteriosa. (BAIRD, 2018; MUHLSTEIN, 1999). Voltou a realizar seus deveres como Rainha, mas de forma desacelerada.

Em seu Jubileu de Ouro, em 1887, já andava com a ajuda de uma bengala. Recuando-se a usar os tradicionais mantos de veludo roxo, a coroa cerimonial e carregar o cetro e o orbe, ela usava um vestido preto liso e uma touca. Em tal ocasião, pela primeira vez, abriu uma exceção e deixou que enfeitassem a touca com renda branca e diamantes, como podemos ver na figura 18. "Dali a poucos dias, as elegantes mulheres de Londres estariam usando toucas parecidas, decoradas com diamantes". (BAIRD, 2018, p. 376).

Victoria faleceu às cinco horas da tarde, no dia 22 de janeiro de 1901, em sua casa em Osborne, aos 81 anos. (BAIRD, 2018).

A moda feminina na Era Vitoriana

A roupa como grande forma de expressão transmite a fragilidade imprimida na mulher do período vitoriano, assim como o começo dos questionamentos sobre seus direitos e igualdade de gênero. Como a partir do século XIX o vestuário passa por transformações mais rapidamente que nos anteriores.

Stevenson (2012) e Boucher (2010), ressaltam que a ascensão da Rainha Victoria ao trono, em 1837, trouxe uma mudança na sociedade, uma moralidade contrastante com a frivolidade da década de 1830. Esta mudança refletiu na forma de se vestir com cores mais discretas, mangas menos bufantes e penteados mais simples. A manga gigot foi substituída pela manga jardineira e as saias abriam-se em triângulo e eram enfeitadas com babados.

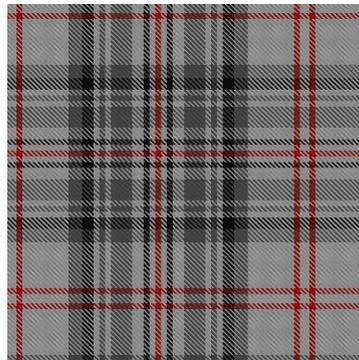
No início da Era Vitoriana, as saias pregueadas eram presas ao corpete, mas ao longo do tempo ficaram cada vez mais armadas. As saias passaram a ser pregueadas com pregas alternadas em um tecido forrado e estruturado para manter a forma das saias. Cole (2015) complementa dizendo que o conservadorismo da Rainha Victoria refletiu no vestuário tornando as silhuetas mais

simples tanto para homens quanto para mulheres. Foi um grande reflexo da modéstia, que passou a ser prioridade.

Em 1841, as saias ficaram cada vez mais armadas e contendo babados, dando mais destaque ao seu volume. Já em 1845, as mangas ganharam um formato mais simples e reto. O corpete alongado e estruturado com barbatanas e com espartilho embaixo juntamente com as enormes saias por cima de várias camadas de anáguas formavam o "traje ideal para a mulher passiva" (STEVENSON, 2012, p. 34) da Era Vitoriana. (STEVENSON, 2012).

Stevenson (2012) comenta que, em 1848, a Rainha Victoria e o príncipe Albert compraram o castelo Balmoral nas Highlands³, onde o próprio Albert se encarregou da decoração utilizando muito a estampa tartan⁴. Albert chegou a desenhar o tartan de Balmoral.

Figura 1: Tartan de Balmoral



Fonte: The Scottish Register of Tartans. [s.d]

Victoria também acabou desenhando o seu tartan, que acabou virando a estampa que a família usava quando estava na Escócia. Assim o tecido virou moda, popularizando-se nos EUA.

Figura 2: Tartan de Victoria

³ Highlands são as terras altas localizadas no noroeste da Escócia. (VIDA CIGANA, 2019).

⁴ Tecido de lã ou algodão anteriormente usada em saias escocesas. Seus padrões auxiliam na identificação de clãs. (PEZZOLO, 2019).



Fonte: The Scottish Register of Tartans. [s.d.]

O uso do tartan virou tradição entre os componentes da família real britânica quando está na Escócia até os dias atuais. (PEZZOLO, 2019).

Por volta de 1860, a roupa começa a passar por modificações de forma mais acelerada, com saias subindo e descendo seu comprimento, que sempre voltavam a ser compridas por questões morais. As saias começaram a ficar cada vez mais rodadas. Este efeito era possível através da utilização de muitas anáguas por baixo das saias, fato que começou a ficar cada vez mais complicado. (SCOZ, 2019). A primeira crinolina surgiu no final de 1830 e era feita com crina de cavalo, e só em 1856, W.S. Thompson patenteou a armação feita de metal que iria ser vendida nos EUA, Grã-Bretanha e França. (STEVENSON, 2012). A crinolina era composta por 8 aros de aço presos à anágua, dando um aspecto de gaiola. (NERY, 2009).

O vestuário era o lugar onde o sistema de classes era mais claro, pois era onde se exibia poder, riqueza e status. Técnica inferior, materiais de má qualidade e vulgaridade eram características de um vestuário destinadas para os menos afortunados, deixando sua condição de vida muito evidente. (CRANE, 2006, p. 102 apud LEVITT, 1991, p.13).

Em meados do século XIX, a prática do luto adquiriu um código específico para o vestuário feminino, especialmente para as viúvas, contendo fases. A morte era celebrada com um evento individual e significativo. Na primeira fase, os vestidos eram drapeados e em crepe preto, como forma de mostrar como a viúva era consumida de profundo pesar e, após o período inicial (um ano e um dia após o falecimento), a viúva poderia usar tecidos e acabamentos mais luxuosos, como rendas e franjas pretas. Na última fase de luto, chamada de semi-luto, e com duração de seis meses ou o resto da vida para a viúva, a cartela de cores estendia-se para tons de cinza, roxo, lavanda e

branco. No caso de morte de outros familiares, o período de luto era mais curto. (COLE, 2015; BEDIKIAN, 2008).

Todo o mundo ocidental costumava participar de períodos de luto, mas na Grã-Bretanha eles eram mais rígidos. Prova disto foi o luto ser imposto em tribunal após a morte de membros da família real, como o Príncipe Albert em 1861, ou chefes de Estado, e o público geral deveria participar do chamado "luto geral". Uma indústria inteira se especializou neste segmento, existindo publicações e catálogos que indicavam as novas tendências da moda refletidas no luto, costureiras especializadas em roupa de luto e lojas que vendiam artigos apenas para o período de luto. (COLE, 2015; BEDIKIAN, 2008).

Nos últimos 30 anos da Era Vitoriana as armações saem de moda e as saias dos vestidos passam a ser cortadas enviesadas e com modelagem mais afunilada, terminando abertas em sino e algumas vezes com cauda. (SCOZ, 2019). Esta nova silhueta, chamada de cul de Paris ou bustle, às vezes eram tão estreitas que dificultavam o andar, fazendo com que as mulheres dessem passos curtos. (NERY, 2009).

Considerações Finais

A produção deste trabalho de conclusão de curso teve como objetivo principal compreender as influências da Rainha Victoria da Inglaterra na moda e na sociedade vitoriana. Entendeu-se que, mesmo Victoria não sendo uma grande influenciadora da moda em seu período tal como, por exemplo, Maria Antonieta, e de não governar a grande capital da moda do momento, que era Paris, ela mantinha uma relação muito íntima com o vestuário, tendo um caderno com retalhos de tecidos onde planejava seus trajes. Além disso, demonstrou grande preocupação tanto com o seu vestido de casamento quanto ao desenhar os vestidos de suas damas de companhia. Após a morte de seu marido, demonstrou em seus trajes sua dor. Pudemos identificar ao longo deste trabalho que a herança das tradições natalinas alemãs trazidas pelo seu marido, o Príncipe Albert, influenciaram as tradições natalinas na Inglaterra e, posteriormente, no resto do mundo.

Suas influências em relação ao vestuário aparecem nos pequenos detalhes como na cor branca utilizada em seu vestido de noiva, na estampa tartan, a cor malva no vestido que usou no



casamento de sua filha, a touca que usou em seu Jubileu de Ouro e a utilização da cor preta quando aderiu ao luto até o fim da vida. É evidente que as influências que Victoria provocou na moda da Era Vitoriana se dão, em grande parte, por sua posição na sociedade, mas é também evidente que, se Victoria não tivesse uma relação pessoal com a moda, muitas dessas influências não seriam provocadas.

Referências

BAIRD, Julia. **Vitória, a rainha**: A biografia íntima da mulher que comandou um Império. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

BEDIKIAN, S. A. The Death of Mourning: From Victorian Crepe to the Little Black Dress. **Omega: Journal of Death & Dying**, [s. l.], v. 57, n. 1, p. 35–52, 2008. DOI 10.2190/OM.57.1.c. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=tfh&AN=31924058&lang=pt-br&site=ehost-live>. Acesso em: 21 jun. 2020.

CAVENDISH, R. Queen Victoria's wedding. **History Today**, [s. l.], v. 65, n. 2, p. 8, 2015. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=aph&AN=101012422&lang=pt-br&site=ehost-live>. Acesso em: 26/04/2020.

COLE, D. J.; DEIHL, N. **The History of Modern Fashion From 1850**. London: Laurence King Publishing, 2015. ISBN 9781780676036. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=e000xww&AN=1077603&lang=pt-br&site=ehost-live>. Acesso em: 21 jun. 2020.



CRANE, Diana. **A moda e seu papel social:** classe, gênero e identidade das roupas. São Paulo: Editora Senac, 2006.

FREIRE, Luana Justino. **Representações paradoxais do feminino no século XIX:** uma análise comparativa entre Orgulho e Preconceito, de Jane Austen e Tess, de Thomas Hardy, 2011. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/1443/1/PDF%20-%20Luana%20Justino%200Freire.pdf>. Acesso em: 27/05/2020.

LEVITT, Sarah. **Victorians unbuttoned:** Registered Designs for Clothing, Their Makers and Wearers, 1839-1900. Londres: George Allen and Unwin, 1986.

MUHLSTEIN, Anka. **Vitória:** retrato da rainha como moça triste, esposa satisfeita, soberana triunfante, mãe castradora, viúva lastimosa, velha dama misantropa e avó da Europa. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

NERY, Marie Louise. **A evolução da indumentária.** Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2009.

PERRY, Marvin. **Civilização ocidental:** uma história concisa. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PEZZOLO, Dinah Bueno. **Tecidos:** história, trama, tipos e usos. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2019.

SHEARMAN, Deirdre. **Os grandes líderes:** Rainha Vitória. São Paulo: Editora Nova Cultura Ltda, 1987.

SILVA, Alexandre Meireles da. **Literatura inglesa para brasileiros.** Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna, 2006.

STEVENSON, NJ. **Cronologia da moda:** De Maria Antonieta a Alexander McQueen. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

TARTAN details – Balmoral (original). The Scottish Register of Tartans [s.d]. Disponível em: <https://www.tartanregister.gov.uk/tartanDetails?ref=182>. Acesso em: 06/05/2020.

TARTAN details - Victoria. The Scottish Register of Tartans [s.d]. Disponível em: <https://tartanregister.gov.uk/tartanDetails?ref=3939>. Acesso em: 06/05/2020.

